



A PORTA NOVA, EM SALZBURGO.

W. L. G. & S.
OWNERS

A PORTA NOVA, EM SALZBURGO.

A torrente do Salzach divide Salzburgo em duas partes desiguais: a margem esquerda forma a cidade propriamente dita, e a margem direita o arrabalde. D'ambos os lados, Salzburgo está comprimida entre duas montanhas que dominam, à direita o convento dos capuchinhos, à esquerda a velha fortaleza, edificada sobre um rochedo muito elevado, onde jazem as muralhas, as trincheiras, os bastiões, e as antigas torres separadas por profundos taboleiros de relva.

As primeiras fortificações datam do anno 1088. Mais de dez seculos antes, já os romanos tinham aproveitado a admiravel posição da montanha: Salzburgo chamava-se então *Juvavia*. Vêem-se na fortaleza as bellas salas que serviam outr'ora de residencia aos bispos.

A cathedral de Salzburgo, edificada em forma de cruz latina, é interiormente ornada de bello marmore tirado das ricas pedreiras proximas da cidade. Na igreja do collegio nota-se o côro, apoiado em cinco columnas de rara elegancia. O mais antigo monumento religioso de Salzburgo é a capella de Santa Margarida, edificada ao centro d'um pequeno cemiterio encostado á montanha. Uns degraus talhados na rocha d'esta montanha e longas passagens subterraneas levam ás cellas excavadas pelos primeiros christãos no seculo v.

Os cemiterios de Salzburgo são, pela maior parte, cercados de arcadas.

Nota-se, como testemunho do antigo esplendor dos arcebispos, magnificas cavalhariças para trezentos cavallos, com pias de marmore, occupadas agora pelos husards austriacos; o picadeiro d'inverno, cujo tecto é pintado a fresco; e o picadeiro de verão, construido em 1693, apoiando-se d'um lado sobre a rocha. Esta cadeia de rochedos, que guarnece todo um lado da cidade, necessitou a construcção d'um tunnel de cento e trinta oito metros, vasta empresa começada no anno 1767, em tempo do arcebispo Sigismundo. Um medalhão, representando este arcebispo, domina do lado da cidade a porta Nova (*Neuthor*), que orna a entrada do tunnel com esta inscripção latina: *Te saxa loquuntur*. (Os rochedos falam de ti.) Do outro lado collocou-se uma estatua colossal de S. Sigismundo, de cinco metros d'altura, de marmore branco, e pesando setecentos quintaes.

Muitas fontes de marmore que se encontram a cada passo contribuem para dar a Salzburgo aspecto meridional. A mais bella d'estas fontes, construida em 1664, por Antonio Dario, compõe-se de tres partes sobrepostas e formadas cada uma d'um só pedaço de marmore; quatro cavallos marinhos que lançam a agua pelas ventas formam a base, e tres vigorosos Atlantes sustentam a bacia, d'onde um tritão faz repuxar do seu buzio o principal jacto d'agua. Todo este monumento, incluindo o tanque, é de marmore. Não longe existe a moderna estatua do celebre

compositor Mozart, nascido em Salzburgo. Conserva-se, no museu da cidade, um grande mosaico romano encontrado no terreno quando se assentou o pedestal d'esta estatua.

MOYSÉS E O CABREIRO.

APOLOGO PERSA.

Moysés encontrou um dia um cabreiro que se dirigia a Deus com todo o fervor da sua alma, e lhe dizia ingenuamente:

— Ó meu Senhor, ó meu Deus, onde estás tu? que eu seja o teu servo, que cosa os teus sapatos, que penteie a tua cabeça, que te dê o leite das minhas cabras! Ó tu a quem eu venero, deixa que te faça o sacrificio das proprias cabras; que beije a tua mão, que limpe os teus pés; que antes de dormires eu varra o teu quarto, ó tu a quem são dirigidos todos os meus votos!»

Mas Moysés, animado do zelo da religião que fôra encarregado de pregar, perguntou-lhe:

— A quem diriges essas vãs palavras?

— Aquelle que nos creou, e a quem devemos a vista do ceo.

— Sabe, replicou Moysés rudemente, sabe que blasphemias; Deus não tem corpo nem necessidades; não precisa casa, vestidos, nem alimentos, e a tua supplica é a d'um infiel.

Mas o pastor, cuja ignorancia não podia elevar-se tão alto, perturbado pelas reprehensões do enviado de Deus, entregou-se ao desespero, e abandonou todo o culto e adoração.

Então Deus, chamando Moysés, disse-lhe:

— Tu afastaste de mim o meu servo, e n'isso obraste contra a tua missão, porque eu envie-te para juntar e não para dividir. Dei a cada um seu carácter e sua maneira de ser e de se exprimir que lhe são proprios. O que tu achas reprehensivel, outro achará louvavel; o que julgas veneno, é mel a seus olhos. A linguagem india é a unica bella para o indio, a sindia, para o sindo. As suas expressões não podem profanar-me; são purificadas pela sinceridade da homenagem. Eu não dou valor ás palavras, mas á intenção. Vejo o coração: se é submisso, que importa que as palavras exprimam o contrario! O amor é a substancia da oração; as palavras são apenas os accidentes. Ora o accidente é estranho á coisa e sujeito a mudar; só a substancia lhe fixa a natureza. Que podem fazer-me as palavras? um coração inflamado é que eu preciso. Abrasem-se os corações d'amor, e não te importe nem o pensamento, nem a expressão.

« Moysés, os homens que se regulam pelas leis da sociedade formam uma classe; aquelles a quem o amor de Deus abrasa formam outra. Para os ultimos, cada instante da vida é um novo martyrio; não se lhes pode applicar a lei commum. Ainda que estivessem cobertos

de sangue, não importa; o sangue que cobre os martyres é mais puro que a agua. Similhan-tes faltas são mais meritorias que as melhores acções. O *Keblet* (*) não pode guiar para a oração senão os que estão de fora do *Kaaba*; no interior do templo não é preciso, e cada qual, para orar, volta-se para o lado que quer. O amor de Deus forma uma seita independente de qual-quer religião. Aquelles a quem abraza não são o povo de nenhum outro senão de Deus.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

VII

DECLARAÇÕES.

Continuação.

O padre Gaspar recolheu-se um momento em si, como para se reconcentrar n'aquella dôr que lhe traspassava o coração. Liam-se-lhe no rosto os effeitos da ferida lucta que lhe ia por alma. Seguiram-se momentos de silencio, que nenhum ou-sou quebrar; até que por fim, rompendo por um suspiro, assim continuou:

— E eu que dera a vida para augmentar-lhe a sua!... Salvava-lhe o esposo porque era o pae de seus filhos, e porque sabia avaliar quanto sofre o coração da mulher que é mãe, e que não am-paro do marido vê o prospecto da collocação d'el-les!... Expuz-me ás censuras do mundo e seus in-justos juisos, trocando o habito que a religião me dera para esconder ao seculo estes loucos en-ganos de uma vida tão despresivel e ephemera, pelos trajes que a sociedade adoptou para escon-der sob elles suas torpezas... e quando ali che-guei, com o coração repassado de alegria por lhe ser util, foi então que o fel se me extravasou pe-lo peito, ao julgal-a salva e encontral-a expiran-te!... Nesse momento uma blasphemia me rébentou do peito, e subiu aos labios no delirio phrenetico da minha fraqueza de homem, que so-berbo e orgulhoso se revolta contra o autor da natureza ao experimentar uma contrariedade, em vez de se confundir e humilhar como a pro-pria razão lh'opede. Acoimei de injusto a Deus e aos ceos, eu, creatura fraca, que não posso con-ceber porque maravilhosos arcanos o Omnipoten-te dá vida aos seres, e lh'a retira quando lhe apraz para harmonia d'este todo que se chama universo, e em relação ao qual cada creatura é um atomo imperceptivel! cuja falta em coisa ne-nhuma desorganisa esta maravilhosa fabrica, nem tem força para retardar-lhe um instante as suas funcções!... Ainda a blasphemia não es-tava porém formulada, e já em minha alma sen-

tia o remorso de a haver concebido, e caindo de joelhos pedi perdão a Deus com bem sentidas la-grimas, exacerbadas por aquelle spectaculo de morte tão prematura, e mais pungidas ainda pe-la idéa de que Beatriz cerrara os olhos ao mun-do na crença fatal de que eu fôra causa dos seus infortunios!

«Nada mais tinha que fazer ali. Os sentimen-tos e as paixões mundanas recalquei-as no in-timo do coração, para deixar unicamente fallar a voz da religião. O homem que amara, e ama-va ainda a sua memoria, desapareceu de todo: só ficou o padre — o ministro de uma santa e augusta religião que ensina a procurar o leniti-vo ás dôres na summa origem de todo o bem — Deus; e que minora os transe de uma separa-ção (que a incredulidade procura fazer eterna) lançando n'alma a sublime crença da esperan-ça de uma perenne reunião lá n'essas espheras immortaes que são o throno do Altissimo. Inclinei-me sobre o cadaver, e recitei as orações da Igreja pelos finados.

«Tinha terminado o meu triste e penoso de-ver, quando as justiças d'el-rei penetraram em casa. Ante o spectaculo da morte a justiça sus-pende sempre o seu braço. E de mais, a quem procuravam não estava ali... Retiraram-se por-tanto aquelles homens bastante pungidos tam-bem, e apoz elles sai a fazer preparar o ne-cessario para o enterro de vossa avó mater-na. Vossa mãe era a creança que jazia no ber-ço. D'ella me encarreguei, assim como do me-ninho recém-nascido, que ao cabo de dois mezes falleceu. Meu affecto e cuidado nunca desam-pararam vossa mãe, até que enamorada de vosso pae, que era um probo negociante, irmão da bondosa senhora Aldonsa Peres, com elle aper-tou os laços d'uma santa e feliz união.»

Aqui chegou o padre Gaspar ao termo de sua narração, e ao mesmo tempo a barca tocava na praia d'onde horas antes tinha largado.

O arrebol de uma formosissima manhã de Ja-neiro tingia rapidamente os horisontes, e a proporção descobria este riquissimo panorama do Tejo, que até ali parecia velado por um tenue manto de gaze. As aguas reflectiam no seu es-pelho azulado os magestosos alcaçares que se elevavam sobre as praias que lindam o rio, e a pouco e pouco alumadas pelos raios do sol nas-cente iam-se tornando mais transparentes.

Simão Rodrigues, absorto no que ouvira, e engolphado nas meditações que lhe suscitava a medalha que ainda segurava entre mãos, não pro-nunciara palavra; mas o padre Gaspar arran-cando-o suavemente aos seus embevecidos pen-samentos, assim lhe disse, ao saltarem em terra:

— Mancebo, narrei-vos fielmente, como se me confessasse a Deus, uma parte da minha vida. Agora tendes a explicação d'essa medalha, e do interesse que tomo pela vossa sorte.

«Bem desejara eu deixar-vos o retrato de Bea-triz, mas o voto que fiz de o trazer toda a mi-nha vida não se pode quebrar, porque foi pro-

(*) Os musulmanos chamam *Keblet* o ponto do horisonte que corresponde ao *Kaaba* ou grande templo de *Meka*. Deter-minam-no por meio da bussola, e devem voltar-se para este lado quando fazem oração.

nunciado sobre o seu cadaver, e ella do ceo o deve ter escutado... Essa medalha tem de me acompanhar até á sepultura, e ainda ahí m'a encontrarão ao peito, e aí do que ouse prophanar o corpo de um morto para lh'a arrancar!

«São horas, Simão Rodrigues, de nos separarmos: não convem que juntos nos vejamos, nem que um padre da Companhia seja encontrado sózinho, tão cedo, fora do collegio de Santo Antão. Vou reunir-me ao meu companheiro, que a estas horas me espera impaciente em casa de um piedoso cavalheiro que foi ajudar a bem morrer; e d'esta traça precisei valer-me para correr em vosso soccorro. Os successos d'esta noite servos-hão revelados por quem menos esperaes; mas desde já vos fique de aviso que as boas acções tambem encontram na terra a sua recompensa, e que Deus Omnipotente e justo vela na defesa dos innocentes e opprimidos.»

Assim dizendo, o padre Gaspar, desprendendo-se a custo dos braços de Simão Rodrigues, que, ao entregar-lhe a medalha, affectuosamente n'elles o estreitava, desapareceu pela encrusilhada das viellas que vinham desembocar na praia.

Continua.

A ROSA E A CAMPA.

(TRADUZIDO DE VICTOR HUGO.)

A campa pergunta á rosa:

«D'aurora aos prantos, vaidosa,
«O que fazes tu, ó flor!»

A campa a rosa pergunta:

«Que fazes tu do que ajunta
«No teu centro o lucto e a dôr?»

A rosa diz, sem demora:

«Cada lagrima da aurora,
«Torno em perfume só meu!»

Diz á rosa a campa fria:

«Alma que a morte me envia,
«Anjo a mando para o ceo!»

PARABENS.

(AS MELHORAS DO MEU BOM AMIGO A. E. P. DE V.)

Segue a bonança á procella,
E o conforto a lances taes!

MENDES LEAL JUNIOR (Caridade e Gratidão.)

I

À beira d'uma campa descerrada,
Um medonho equilibrio sustentaste,
Um abysmo de morte em lucta ousada,
Por um quasi milagre tu galgaste!

Physicas dôres te punham tanto,
Que a dôr d'uma familia tu nem vias,
No peito suffocando o amargo pranto,
Perdendo dia a dia as alegrias.

Novo Lazaro, o teu martyrio ardente,
Vae aos teus indagal-o, que gravadas
As horas todas tem, em que imminente
A morte t'as levava já contadas.

Muita dôr padeceste, oh! muita é certo;
Mas teus paes, tua irmã que te velaram,
Ao ver-te do sepulchro já tão perto,
Que de prantos sentidos não choraram!

II

Mas das trevas que o peito enluctaram,
Surge o sol com mais brilho e mais forte:
Os cuidados do affecto arrancaram
Uma vida dos braços da morte!

Da existencia a vergontea abalada
Por medonha e cruel tempestade,
Nova Phenix renasce, esmaltada
De esperanza, de amor, de amizade!

Como a flor, que matisa a campina,
Cobra alentos ao sopro fagueiro
Da gentil primavera divina,
Esquecendo o rigor derradeiro;

Assim cobra mais forças e alentos,
E resurge mais bella e florida.
Uma vida, contada a momentos,
Sobre a campa já meio pendida.

III

Eis-te á vida já volvido,
O teu tormento findou,
Pois que nova e rosea aurora
Os cuidados dissipou.
Hoje deves na memoria,
Por doirar a tua historia
Uma lembrança marcar,
A de ternura e desvelos,
Com que muitos olhos bellos
Fizeste em pranto orvalhar!

IV

Acceita-me, Augusto, nas phrases singelas,
Emboras sinceros de terna affeição,
As flores que offerto, bem sei, não são bellas,
Mas foram colhidas no meu coração.

Sou pobre, bem sabes, e a musa é senhora,
Por isso despreza quem tanto lhe quer;
As linhas que escrevo, se o affecto não fôra,
Não vias de certo de musa nascer!

Mas hoje a ternura, que as almas nos liga,
Contente sem ella te fallo hoje aqui,
Traduz a verdade? Tua alma que o diga,
Pois deves, Augusto, julgar-me por ti!

20 de Março, 1856.

MENDES LEAL (ANTONIO).

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

No parlamento que Pepino convocou em Compiègne em 757, fizeram-se algumas leis sobre casamentos. A lepra foi julgada causa de divórcio; mas permittiu-se á parte sã tornar a casar; o que faz crer que esta doença era então muito commum. Os embaixadores de Constantino Copronymo, imperador de Constantinopola, compareceram n'esta assemblea, e offereceram ao rei magnificos presentes, entre os quaes se notava um órgão. Foi o primeiro que appareceu em França. Pepino doou-o á igreja de S. Cornelio de Compiègne.

Pepino foi o primeiro rei de França que empregou, nas suas leis, a formula — *pela graça de Deus*; que não deve ser olhada como signal de soberania, pois que não só os principes, mas os bispos, os abbades e os simples sacerdotes usavam d'ella, sem outro designio senão o d'expressarem o seu reconhecimento ao Ente Supremo.

O reinado dos Carlovingianos (são assim chamados os reis descendentes de Carlos Martel) foi o reinado dos parlamentos. Eram assembleas solemnes, onde, por convite do rei, eram obrigados a ir todos os nobres. Havia estas reuniões duas vezes no anno, pelo Natal e Paschoa: duravam uma semana. A cerimonia começava por uma missa, durante a qual o celebrante punha a corôa na cabeça do rei, que só a tirava ao deitar-se. Em quanto durava a festa, o monarcha não comia senão em publico. Os bispos e duques mais distinctos tinham a honra de serem admittidos á sua mesa. Havia segunda para os abbades, condes e outros senhores. Cada coberta era mudada ao som de flautas e charamellas. Quando se serviam os pratos do meio, vinte reis d'armas, tendo cada um na mão uma rica taça, exclamavam tres vezes: *Liberalidade do mais poderoso dos reis!* e espalhavam oiro e prata, que o povo apanhava com grandes acclamações. Alegres musicas annunciavam e celebravam esta distribuição. Depois do jantar, os divertimentos eram a pesca, o jogo, a caça, os volteadores, os bobos, os pelotiqueiros ou tocadores de sanfona, e os pantomimicos. Estes ultimos tinham admiravel talento para ensinar cães, ursos, e macacos. Adestravam-n'os em imitar toda a especie de gestos, acções, posições, e faziam-lhes representar parte das suas peças. Cada vez que o monarcha reunia o seu grande parlamento, era obrigado não só a prover a esta enorme despeza, mas ainda a dar fato aos seus officiaes, aos da rainha, e aos dos principes. D'ahi veio a palavra *libré*. Se sobre o bofete do soberano estava algum vaso de valor, se tinha na corôa algum diamante raro e curioso, o uso exigia ainda que

fizesse presente d'elle a alguem. Uma sabia economia fez supprimir, em tempo de Carlos VII, estas assembleas mais faustosas que uteis.

As assembleas geraes da nação, a que ás vezes chamavam *Parlamentos*, e que, no tempo da primeira raça, se faziam no mez de Março, começaram, no reinado de Pepino, a fazer-se no mez de Maio, porque tendo-se introduzido o uso da cavallaria nos exercitos, era necessario achar forragens. Carlos Magno convocava estas assembleas duas vezes por anno. Na de Heristal, em 779, determinou-se, entre outras coisas, que o primeiro roubo fosse punido com a perda d'um olho; o segundo com a perda do nariz; e o terceiro com a pena de morte.

Um dos estabelecimentos mais celebres e uteis de Carlos Magno foi o das escolas para ensinar a grammatica, a arithmetica, e o canto ecclesiastico. Cada mosteiro, cada casa episcopal devia ter uma. *Alcuin*, famoso frade inglez, era o inspector de todos os estudos de França. Fundou mesmo uma especie d'academia no palacio do monarcha, e este principe quiz ser membro sob o nome de *David*. Os academicos tinham todos um nome supposto, uns da sagrada Escripura, outros da fabula. O gosto do rei poz a sciencia em moda, mesmo entre as mulheres.

Nos primeiros seculos da monarchia, os principes podiam casar á sua escolha, sem precisarem consentimento de seus paes. Mas então esta mulher tinha o nome de *concubina*; nome em que não recaía o odioso, e que designava verdadeiro casamento, menos solemne na verdade, mas approvado pelos sagrados canones, ainda que, segundo as leis civis, não dava aos filhos, que, n'este caso, se chamavam *filhos naturaes*, nenhum direito de successão, a menos que o pae os não habilitasse em sua vida.

Carlos Magno restringiu o direito d'asylo, cujos abusos tendiam á impunidade dos crimes. Prohibindo que se fizesse violencia áquelles que se refugiavam nas igrejas, ordenou que pessoas virtuosas fossem ahi prender os culpados, conduzindo-os aos juizes. Fixou a idade de vinte e cinco annos para a profissão religiosa, a respeito das mulheres; os homens deviam ter licença do principe. Prohibiu a admissão dos frades por dinheiro, os enterros nas igrejas, os exercicios da arte de adivinhar, e as esmolos aos mendigos que pudessem trabalhar: cada districto devia sustentar os seus pobres; e a mendicidade, opprobrio das nações civilizadas, foi sabiamente impedida.

A politica de Carlos Magno a respeito dos povos que submetera foi a mesma que a de Clovis a respeito dos gaulezes. Deixou-lhes as suas leis e costumes: assim as leis lombardas continuavam a reger os lombardos; e os romanos, como os gallos, couservaram o direito romano. Nos autos, havia o cuidado de notar sob que lei viviam os contratantes; existiam tribunaes diferentes, onde se julgava segundo as leis das partes. Os francos, além da lei salica, regiam-se

pelas capitulares, ou ordenanças dos reis. Se havia algum artigo que dissesse respeito a outra nação, era inserido no código d'esta.

Carlos Magno enviava ás provincias officiaes encarregados d'observar o comportamento dos empregados, velar na administração da justiça, e receber as queixas dos povos, levando-as ao throno. Estes officiaes, que subsistiram no tempo da maior parte dos reis da segunda raça, eram chamados enviados reaes, (*missi dominici*). Tinham cada um seu districto, e deviam apresentar-se ahi quatro vezes por anno.

Sob o reinado d'este principe, o latim deixou de ser a lingua vulgar. Formou-se uma linguagem misturada do franco e de mau latim, que se chamou lingua *romana*, e deu origem á franchezza.

O uso das couraças e capacetes, assim como o do arco e flechas, quasi desconhecido no tempo da primeira raça, tornou-se lei militar no tempo da segunda. A cavallaria começou tambem a ser conhecida. O cavalleiro, que se chamava *miles*, tinha uma dignidade na milicia, independente da que davam os cargos militares.

Luiz o Bondoso deu a um chamado *João*, seu vassallo, certas terras no territorio de Narbonna, com poder d'administrar justiça. É o primeiro exemplo conhecido do direito de justiça concedido aos senhores seculares; porque os bispos tinham-no havia muito tempo.

O titulo de visconde começou tambem a ser conhecido na pessoa de Civitane, governador de Narbonna, que até então só usava do nome de Vidama, *vice-dominus*, isto é, substituto do senhor ou amo.

No-tempo de Luiz o Bondoso, como no de Carlos Magno, a etiqueta da cõrte obrigava os nobres, em se chegando ao monarcha, a beijarem-lhe os pes. Porém alguns dos mais distinctos tinham o privilegio de lhe beijar sómente o joelho, como os cardeaes fazem ao papa. As proprias rainhas beijavam os joelhos de seus maridos. Os duques e condes traziam então corõas na cabeça, mas diferentes das dos reis.

Proximo ao fim da segunda raça, estabeleceu-se um novo genero de possessão sob o nome de *feudo*. Os *duques* ou governadores das provincias, os *condes* ou governadores das cidades, os officiaes de ordem inferior, aproveitando-se do enfrancamento da autoridade real, fizeram hereditarios em suas casas titulos que até então não tinham possuido senão vitalicios; e, tendo usurpado igualmente as terras e a justiça, erigiram-se em senhores proprietarios dos logares de que não eram senão magistrados, ou militares, ou civis, ou com ambas as jurisdicções.

A nobreza, desconhecida em França até ao tempo dos feudos, começou com este novo senhorio; de maneira que foi a posse de terras que fez os nobres, porque lhes deu uma especie de subditos chamados *vassallos*, os quaes tiveram outros por *sub-eufendações*; e este direito dos senhores foi tal, que os vassallos eram obriga-

dos, em certos casos, a acompanhá-los á guerra, contra o proprio rei.

O pagamento em dinheiro não era o unico em uso no tempo dos primeiros reis. Purificava-se o ouro e a prata que se recebia dos povos, e conservava-se em barra no thesouro do principe. Este costume, imitado dos romanos, foi seguido mesmo pelos particulares, até ao reinado de Filippe o Bello. Nada tão commum, nas escripturas d'estes tempos, como os pagamentos e as multas em libras ou em marcos d'ouro ou prata. Não havia pois necessidade de dinheiro senão para o commercio miudo; portanto cunhava-se pouco.

Continua.

DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL.

II

A abertura dos portos da America meridional ao commercio de todas as nações industriosas, ao passo que segurou ali a constituição monarchica que serviu de contrabalançar o recrescente poder dos estados democraticos da America septentrional, foi o primeiro, como vimos, dos passos agigantados que se deram para a sua futura independencia.

A este seguiu-se, pela propria necessidade do commercio, e estado da colonia, o estabelecimento do Banco do Brazil pelo alvará de 12 de Outubro de 1808, que dentro em poucos annos, pela extensão de suas operações, produziu o Banco filial na Bahia, confirmado por outro alvará de 16 de Fevereiro de 1816.

Esta providencia foi de tanto maior valor n'aquella conjunctura, que era uma das mais criticas para a dynastia portugueza, quanto tinha por fim não se sentirem os effeitos da inevitavel saída do ouro das minas, que era attrahido para Inglaterra, onde subira pela força da guerra; e pela prudencia e necessidade de enthesourar metaes preciosos, para se não dar grande e prejudicial vasio na circulação. Assim as lettras, ou notas do Banco, suppriam unicamente a moeda de ouro que o estabelecimento enthesourava na sua caixa, e ficava para a circulação a exuberante moeda de prata, continuamente attrahida da Europa, e das colonias de Hespanha.

Com estas duas franquias e providencias principiava o estado a constituir-se em solidas bases; o commercio, principal fonte das riquezas das nações, a estender a sua area e a alargar o circulo das necessidades sempre crescentes d'um novo imperio, favorecendo a industria, até ali opprimida, que se propagava por mil e diversos meios, desconhecidos então, no meio de povos a quem a mais simples arte fõra como vedada. Da necessidade de buscar occupação entre tantas que se offereciam, nascia a applicação do engenho e talento natural entorpecido pelas causas expostas; e os colonos foram progressivamente mostrando-se aptos para todos os misteres de uma sociedade civilisada.

Grande força e impulso deu também a este necessario desinvolvimento a nova legislação economica e a organização politica egual á de Portugal relativamente aos tribunaes. Era uma necessidade da trasladação da cõrte para aquelle hemispherio; mas uma necessidade que não podia já ser passageira: porque costumados os brazileiros ao apparatus da magnificencia real, á residencia entre elles do chefe e cabeça do estado, a ver que da Europa se ia lá demandar a sancção dos actos aqui legislados, não seria possível no futuro que se desprendessem tão facilmente das honrarias de metrópole para baixarem novamente a cervis ao triste desempenho de colonos. Foi de todas estas providencias, e seguindo todas estas conjecturas, que na Europa se julgou que o Senhor D. João vi creava ali para si uma nova séde de monarchia; e que encantado d'aquelle oasis, que a mão de Deus fez tão fértil e encantador nas regiões atlanticas, mandaria o principe seu filho reger seus estados da Europa, ficando n'aquelles para acompanhar na sua marcha o progressivo desinvolvimento da civilização da America.

Este alvitre pareceu confirmado depois, quando se chegou a ordenar ao principe que regressasse a Portugal; mas a Providencia tinha destinado que o impulso da independencia d'aquella porção do globo fosse dado por um braço joven e robusto, que ao mesmo tempo soubesse reprimir os fervidos desejos soprados pelo exemplo das americas inglezas; e ao Senhor D. João vi não coube n'esta parte outro papel, ajudado pelos acontecimentos, senão o do lavrador que lança á terra as sementes que mais tarde teem de fructificar.

Tanto este acontecimento estava no animo de el-rei e de todos, que não so prevendo-o já, quando a esquadra portugueza largou do Tejo em demanda do Brazil, foi questão preferir o archipelago açoriano para retiro real; mas egualmente ao embarcar el-rei, de regresso a Portugal, disse ao principe: — que no estado em que as coisas se achavam, preferia vê-lo tomar para si a corõa do Brazil, a passar ella para a cabeça de qualquer aventureiro ambicioso, que não faltariam elles n'aquella conjunctura.

O imperador D. Pedro I, collocando-se á frente da revolução, que segregou da corõa portugueza aquella formosissima joia, ao passo que cumpriu um acto politico, conservando na familia portugueza de Bragança o que fõra descoberto e conquistado por portuguezes, satisfiz aos votos do rei seu pae, não permittindo a revolução transviar-se nas sendas da democracia.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

PROFUNDIDADE DO OCEANO ATLANTICO.

No verão de 1856 foram executadas sondagens na parte septentrional do Atlantico, entre a ilha da Terra-Nova e Irlanda, para estudar se

seria possível lançar um fio telegraphico submarino entre a Europa e a America.

Conforme as sondagens feitas anteriormente, o tenente Maury, da marinha americana, tão conhecido pelas suas excellentes cartas das correntes do oceano Atlantico, tinha já emittido a opinião de que na parte do oceano onde se propõem lançar o fio, o fundo do mar apresentava uma superficie sensivelmente uniforme, e que em nenhuma parte se encontraria profundidade maior de tres mil e quarenta e sete metros, ou dez mil pés inglezes.

A attenção dos homens audazes, que queriam unir o antigo e o novo mundo por um telegrapho submarino, voltou-se inteira para a parte já explorada do Atlantico a que se dá o nome de «plano do telegrapho.»

Os chefes da empresa pediram o auxilio do governo dos Estados-Unidos para fazer as medidas e trabalhos preliminares; o governo concedeu-lhes toda a protecção que solicitavam, e o almirantado americano recebeu ordem de pôr ao serviço da companhia o vapor *Arctic* e o necessario numero de officiaes instruidos e experimentados. O tenente Berryman, que já executara sondagens no Atlantico, foi nomeado chefe da expedição, juntando-se-lhe o tenente Strain, mr. Mitchell, e alguns outros officiaes.

A expedição conseguiu o seu fim em tempo comparativamente curto.

A linha que os officiaes americanos estudaram desde Saint-Johns, a este da ilha da Terra-Nova, até a bahia de Valencia, na ponta sudoeste da Irlanda, tem a extensão de dois mil setecentos trinta e cinco kilometros.

A carta que representa esta linha foi communicada ao redactor do *Mittheilungen*, o doutor Petermann, pelo capitão Washington, chefe da repartição hydrographica do almirantado inglez: é a linha das sondagens e profundidades do oceano avaliadas em metros.

As sondagens foram feitas a distancias de quarenta e oito kilometros, pouco mais ou menos. Em cada uma d'ellas, por meio d'um mecanismo que havia no cabo do aparelho de sondagem, traziam de volta pedaços da terra que compõe o fundo do mar. Nas sondagens anteriores, de que ha pouco fallamos, já se tinham procurado eguaes amostras, e o professor Bailey, de Westpoint, estudando-as ao microscopio, achára, em 1853, que todas se compunham de conchas microscopicas, sem a mais pequena mistura de areia ou saibro. Eram principalmente conchas de substancia calcaria em perfeito estado de conservação, misturadas a um pequeno numero de conchas de substancia silicosa.

O tenente Maury concluiu d'estas primeiras observações que, sobre o plano do telegrapho, as aguas do oceano deviam estar em perfeita tranquillidade. Sustentou com razão que não havia n'esta profundidade movimento nas aguas do mar, pois que os animaes, tão pequenos e delicados, que habitam estes abysmos, não são ahi

aniquilados. Emittiu tambem a opinião de que não deviam existir ali correntes, pois que não havia areia misturada nas conchas.

As opiniões do tenente Maury foram em geral confirmadas. O estudo das amostras do fundo do mar, levadas pelo *Arctic*, mostrou mais uma vez que o terreno se compõe de conchas microscopicas de extrema fragilidade, e d'infusorios, tanto vivos como fosseis; e estes animaes estão tão perfeitamente conservados, apesar da sua tenuidade, que dão completa prova da ausencia de correntes ou de qualquer outro movimento do mar n'estas grandes profundidades. Não se encontrou, n'esta longa exploração, um unico rochedo, nem se achou no aparelho a máis pequena particula de areia ou saibro. O aparelho de sondagem enterrava-se muitas vezes de tres a cinco metros n'esta camada branda como a neve; e o tenente Berryman não duvida de que o cabo telegraphico se enterre do mesmo modo.

Verificou-se que o fundo do oceano não era tão baixo, que o fio telegraphico podesse ahi descansar; mas que tinha bastante profundidade para que as correntes ou os gelos fluctuantes, numerosos n'esta latitude, não podessem exercer sobre elle acção perniciosa depois de posto.

A maior profundidade medida é de tres mil novecentos sessenta e oito metros, e acha-se quasi no meio do oceano, entre a Terra-Nova e Irlanda, isto é, por $51^{\circ} 30'$ de latitude norte e $32^{\circ} 30'$ de longitude oeste do meridiano de Greenwich. A profundidade media é de dois mil novecentos vinte e seis a tres mil seiscentos cincoenta e oito metros.

O que se nota de mais interessante no aspecto do fundo do mar, e que o oceano tem a figura d'um grande fosso excavado entre as costas escarpadas a este e oeste.

A profundidade do mar, a partir de Irlanda, é de setecentos trinta e um a mil duzentos oitenta metros, ate que, a duzentos oitenta e nove kilometros a oeste da costa, toca repentinamente de setecentos quarenta e nove a dois mil setecentos setenta e seis metros. Em seguida o fundo do oceano apresenta um relevo ondulado e chega a sua maior profundidade a tres mil novecentos sessenta e oito metros. D'ahi torna a subir mais regular e progressivamente até dois mil e onze metros; é n'esta profundidade, e a cento sessenta e um kilometros da costa da Terra-Nova, que se encontra a parede occidental e fendida do fosso, e esta parede apresenta declives eguaes aos que se acham a este.

A dimensão d'este fosso, entre os seus dois declives, é de dois mil cento setenta e dois kilometros, distancia, pouco mais ou menos, de Londres a Sebastopole; toda a linha, entre Saint-Johns e Valencia, incluindo as curvaturas, tem a extensão de dois mil setecentos trinta e cinco kilometros.

Faremos o termo de comparação da altura de algumas montanhas com estas profundidades do

mar. O Vesuvio, d'altura de mil cento noventa e oito metros, mais que triplicado, não teria ainda altura egual á maior profundidade do Atlantico; o Etna (tres mil duzentos trinta e sete metros) seria ainda coberto por setecentos trinta e um metros d'agua; mas o monte Branco, cujos cumes se elevam a quatro mil oitocentos e dez metros, excederia oitocentos quarenta e dois metros a superficie das aguas. A altura da escarpa do fosso do oceano é egual á do monte Canigu.

As sondagens foram executadas da maneira seguinte. Quando o navio estava tranquillo, deitava-se o fio de sonda que se desenrolava rapidamente; mas a rapidez da descida, que é muito grande ao principio, diminue pouco a pouco, não, como se suppõe geralmente, por causa da espessura crescente da agua, mas porque mergulhando o fio cada vez mais, o augmento do attrito do fio de sonda na agua retarda-lhe a descida. Nas sondagens mais profundas, o fio da sonda gastava tres horas a chegar ao fundo do mar.

O aparelho de sonda era disposto de tal modo, que o peso que arrasta o fio desatava-se immediatamente chegava ao fundo, de maneira que só se faziam subir os aparelhos destinados a trazer os pedaços de terra do fundo do mar. O trabalho necessario para fazer subir o fio da sonda seria penoso e longo se uma pequena machina a vapor não substituisse as forças do homem, de maneira que fazer subir o fio da sonda pede menos tempo do que o necessario para o descer.

Accrescentaremos que os americanos começaram a sondar segunda linha no oceano, e que não são ainda conhecidos os resultados d'esta nova exploração. Os inglezes, por sua parte, fazem preparativos para sondarem terceira linha.

Nada ha mais bello que a religião de Christo: fortalecé a virtude; perdoa o crime arrependido; consola o infeliz; e assegura ao crente a eterna ventura.

A maior parte das revoluções são como as enchentes dos rios, que destroem, e arrasam tudo por onde passam; confundem a agua cristalina com o lodo; e trazem á superficie os corpos occos e leves: felizes, mas poucas, são aquellas que se assimilham as enchentes do Nilo, que trazem apoz si a fertilidade, e a abundancia.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.